

Kênia Barros Almeida Lima
Adriano Larentes da Silva

Roda de Conversa

Os desafios na adaptação dos estudantes
ingressantes no Ensino Médio Integrado do
Instituto Federal Catarinense -
Campus Luzerna



**Programa de Pós-Graduação em Educação
Profissional e
Tecnológica (PROFEPT)
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)**

Produto Educacional:

Roda de Conversa:

**Os desafios na adaptação dos estudantes
ingressantes no Ensino Médio Integrado do
Instituto Federal Catarinense - Campus Luzerna**

Conteúdo

Kênia Barros Almeida Lima

Orientação

Prof. Dr. Adriano Larentes da Silva

Design gráfico

www.canva.com

Diagramação

Kênia Barros Almeida Lima

Imagens

www.google.com.br

KÊNIA BARROS ALMEIDA LIMA

**RODA DE CONVERSA: OS DESAFIOS NA ADAPTAÇÃO DOS ESTUDANTES
INGRESSANTES NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO INSTITUTO FEDERAL
CATARINENSE, CAMPUS LUZERNA.**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Florianópolis, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado e validado em 30 de agosto de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Larentes da Silva
Instituto Federal de Santa Catarina – Orientador (a)

Prof. Dra. Maria Teresa Ceron Trevisol
Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Dra. Roberta Pasquialli
Instituto Federal de Santa Catarina



Cadeiras de espaguete dispostas em círculo, ou em meia lua, no terreiro de uma casa de alpendre alto, as pessoas mais velhas sentadas nas cadeiras, e as mais novas, no chão, a ouvir os "causos" contados, vividos e revividos. Era assim que as histórias iam sendo passadas de geração em geração. Era assim que os vizinhos se conheciam e criavam laços que duravam anos. Era assim que os mais novos forjavam sua cultura, sua identidade, era assim [...] O tempo acabou levando com ele esse hábito da conversa fácil e, na era digital, as palavras ouvidas estão dando lugar às palavras lidas em dispositivos móveis, em relações virtuais, mas a saudade da conversa audível permanece...(MOURA; LIMA, 2014, p. 98)

SUMÁRIO

5

APRESENTAÇÃO

10

REFLEXÕES SOBRE RODAS DE CONVERSA

16

ROTEIRO E APLICAÇÃO DA RODA DE CONVERSA

20

ALGUMAS REFLEXÕES CONSTRUÍDAS PELOS ESTUDANTES NO DECORRER DA RODA

32

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

35

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



APRESENTAÇÃO

Prezado(a) leitor(a),

Este caderno tem como objetivo divulgar a Roda de Conversa “Os desafios na adaptação dos estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Catarinense - Câmpus Luzerna”, como proposta de produto educacional desenvolvido a partir de uma pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em rede nacional (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). De acordo com o que explana o documento Área-Ensino da CAPES (2019), no Mestrado Profissional, o mestrando deve desenvolver um processo ou produto educativo, aplicável em condições reais de sala de aula ou outros espaços de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. De acordo com esse documento, o produto educacional é entendido como

[o] resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associados ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. Pode ser produzido de modo individual (discente ou docente) ou coletivo. A apresentação de descrição e de especificações técnicas contribui para que o produto ou processo possa ser compartilhável ou registrado (CAPES, 2019, p.16).

Assim, o produto educacional deve ser elaborado de modo que possa ser disseminado, analisado e utilizado nos diversos contextos educacionais. “A dissertação deve ser uma reflexão sobre a

elaboração e aplicação do produto educacional respaldado no referencial teórico metodológico escolhido” (CAPES, 2019, p. 15).

A pesquisa que originou o presente produto educacional foi desenvolvida entre 2020 e 2022 e resultou na dissertação com o título "Os desafios na adaptação dos estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado: um estudo sobre o Instituto Federal Catarinense, câmpus Luzerna." O objetivo da pesquisa foi discutir sobre os desafios relativos à adaptação dos alunos ingressantes no Ensino Médio Integrado no contexto da Rede Federal de Educação, mais especificamente no Instituto Federal Catarinense - Câmpus Luzerna. A escolha dessa temática vincula-se à minha própria trajetória profissional como psicóloga escolar no contexto dos Institutos Federais, que teve início em 2014, no Instituto Federal do Maranhão. A partir de 2018, passei a fazer parte do Instituto Federal Catarinense - câmpus Luzerna, no setor SISAE - Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional; em ambos, atuando como psicóloga escolar.

Em todos esses anos atuando na rede federal de ensino, chamou-me atenção a frequência significativa de demandas de alunos ingressantes no Ensino Médio Integrado relacionadas a dificuldades de adaptação à instituição, especialmente no primeiro semestre. Deste modo, percebi a relevância de discutir e pesquisar sobre a temática e a necessidade de intervenções e debates institucionais sobre essa realidade. Para alcançar o referido objetivo, esta investigação teve uma abordagem qualitativa, exploratória, de

campo e desenvolvida pelo método de pesquisa-participante. Os sujeitos da pesquisa, universo ou grupo amostral, foram os alunos do IFC - câmpus Luzerna, ingressantes em 2019 e 2020 no Ensino Médio Integrado dos cursos técnicos em Segurança do Trabalho, Mecânica e Automação Industrial.

A proposta inicial era que a pesquisa fosse voltada aos alunos dos primeiros anos do Ensino Médio Integrado, recém-ingressantes no câmpus Luzerna. No entanto, em decorrência da pandemia do Covid-19, que culminou na suspensão das aulas presenciais a partir de março de 2020, foram selecionados para participar da pesquisa os alunos dos segundos e terceiros anos do Ensino Médio Integrado pela necessidade de que os participantes houvessem vivenciado de forma presencial a rotina do câmpus, para assim obter dados que pudessem contribuir de forma satisfatória com a proposta da pesquisa, o que não seria possível se ela fosse realizada apenas com os alunos dos primeiros anos, que, até então, haviam vivenciado apenas as atividades institucionais de forma remota.

O instrumento de produção de dados adotado foi um questionário cujas perguntas buscaram captar possíveis vivências e desafios enfrentados pelos estudantes ao iniciar os estudos na instituição. No total, 114 alunos participaram da pesquisa ao responderem o questionário proposto. Os dados obtidos foram sistematizados e analisados e serviram como base para a criação dos eixos temáticos, por intermédio de questões-tema que nortearam os diálogos da roda

de conversa, que ora se apresenta como produto educacional do tipo intervenção.

O objetivo da aplicação da roda junto aos estudantes foi de promover um espaço de encontro, diálogo, reflexões, compartilhamento de experiências e produção de sentidos a respeito dos desafios e vivências relativos à adaptação dos estudantes na instituição. A roda de conversa foi realizada no dia 01 de dezembro de 2021 e teve a participação de 14 estudantes. O Instituto Federal Catarinense - câmpus Luzerna possui 9 turmas de Ensino Médio Integrado dos cursos técnicos em Segurança do Trabalho, Mecânica e Automação Industrial. O convite inicial foi direcionado aos líderes e vice-líderes de cada turma; no entanto, aqueles que não pudessem estar presentes no dia proposto para a roda, poderiam indicar outro colega para representar a turma. Sendo assim, a roda contou com a participação de 1 ou 2 representantes de cada uma das 9 turmas. Embora na aplicação do questionário da pesquisa tenha-se obtido a participação apenas das turmas de segundos e terceiros anos, a aplicação do produto educacional contou com a participação também de alunos dos primeiros anos, tendo, desse modo, representantes de todas as turmas do Ensino Médio Integrado. O propósito da roda de conversa contar com a participação de alunos de todos os anos/séries e que estão em diferentes momentos do curso foi de proporcionar o compartilhamento de experiências, desafios, vitórias e superações a fim de mobilizar reflexões conjuntas que possibilitem a ressignificação de experiências e estratégias de superação.

A troca de experiências no grupo pode colaborar para que

o educando assumira uma postura mais ativa ao analisar a sua experiência. Vendo que não é o único a ter determinadas vivências, comparando a sua experiência e a dos outros, escutando aquilo que outros já pensaram, conhecendo as semelhanças e diferenças de pontos de vista no grupo, o educando se torna mais flexível, desenvolver novas referências para pensar a sua experiência, perceber diferentes possibilidades de análise e avaliar diferentes formas de enfrentamento dos problemas. Afinal, se é conversando que a gente se entende, também é possível dizer que é se entendendo (entendendo a nós mesmos) que a gente conversa [...] (AFONSO; ABADE, 2008, p. 13).

Este caderno de divulgação traz algumas reflexões teóricas acerca das rodas de conversa, o planejamento e roteiro da Roda de Conversa “Os desafios na adaptação dos estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Catarinense - Câmpus Luzerna”, bem como algumas reflexões suscitadas pelas(os) participantes no decorrer da aplicação deste produto educacional.

Boa leitura!

REFLEXÕES SOBRE RODAS DE CONVERSA

Para a compreensão do produto educacional proposto, é imprescindível a construção de reflexões e conceituações a respeito das rodas de conversa. Afinal, o que diferencia uma roda de conversa de uma palestra ou atividades informativas em grupo? Quais elementos a compõem? Além disso, “Como desenvolver a roda de conversa, possibilitando que sujeitos construam sentidos para o mundo e o lugar que ocupam neste, a partir das experiências cotidianas? Como ir além da simples disposição circular de cadeiras e facilitar espaços de reflexão/transformação?”.

Cadeiras de espaguete dispostas em círculo, ou em meia lua, no terreiro de uma casa de alpendre alto, as pessoas mais velhas sentadas nas cadeiras, e as mais novas, no chão, a ouvir os "causos" contados, vividos e revividos. Era assim que as histórias iam sendo passadas de geração em geração. Era assim que os vizinhos se conheciam e criavam laços que duravam anos. Era assim que os mais novos forjavam sua cultura, sua identidade, era assim [...] O tempo acabou levando com ele esse hábito da conversa fácil e, na era digital, as palavras ouvidas estão dando lugar às palavras lidas em dispositivos móveis, em relações virtuais, mas a saudade da conversa audível permanece...(MOURA; LIMA, 2014, p. 98)

As rodas de conversas não são uma invenção recente. Desde a antiguidade, povos tradicionais já as praticavam; elas eram mais que um espaço de convivência social, fortalecimento de laços sociais e resolução de conflitos, funcionavam, sobretudo, como um meio de transmissão de saberes e formação de identidade sociocultural de um povo. São hábitos ainda cultivados atualmente e que fazem parte da expressão do homem como ser social.

Enquanto um espaço de diálogo, interação, desenvolvimento de reflexões, compartilhamento de experiências e produção de sentidos, considera-se as rodas de conversa como um instrumento rico na produção de dados em pesquisa qualitativa. Elas possibilitam uma produção importante de dados, em conteúdo e significado, assim como auxiliam na compreensão dos diversos sentidos que o grupo social atribui ao fenômeno estudado.

Afonso e Abade (2008) destacam que as rodas de conversa são utilizadas nas metodologias participativas e possuem referencial teórico a partir da articulação de autores da Psicologia Social, da Psicanálise e da Educação, e seu fundamento metodológico se alicerça nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo por objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, trabalho e projetos de vida. Enquanto metodologia participativa, podem ser vivenciadas em diversos contextos, tais como: postos de saúde, ambientes hospitalares, associações comunitárias, instituições educativas etc.

Warschauer (2004) evidencia a importância da narrativa, não só como veículo de uma pesquisa acadêmica, mas também como instrumento formativo de sujeitos do conhecimento, que se tornam autores de sua história, ao fazerem a narrativa de seus processos, sejam eles alunos na escola, professores em atividade profissional ou crianças, jovens ou adultos. A autora ainda traz que uma das características da narrativa é propiciar espaço para a singularidade, em que cada um é

concebido como pessoas únicas, com histórias de vida que não se repetem. Podem ser vivenciados os mesmos acontecimentos, mas a forma de ver e sentir é única de cada pessoa. Nossas narrativas do vivido são nossas experiências e significados atribuídos sobre os acontecimentos e não os acontecimentos em si.

Moura e Lima (2014) caracterizam as rodas de conversa como um ambiente oportuno para o diálogo, em que os sujeitos participantes se sentem à vontade para partilhar e escutar, de modo que o falado, o conversado, seja relevante para o grupo e desperte a atenção na escuta pelos sujeitos envolvidos. As colocações de cada participante são construídas por meio da interação com o outro, seja para complementar, discordar ou concordar com a fala imediatamente anterior. É um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo, capaz de mudar perspectivas e forjar opiniões.

O que diferencia uma roda de conversa de uma palestra é que esta última segue uma estrutura em que o palestrante fará a explanação de um conteúdo pré-determinado e sistematizado para um público específico. O centro do debate e da fala estará na figura do palestrante. Já a roda de conversa se constitui num trabalho de reflexão em que o conteúdo será estruturado a partir de questões compartilhadas pelo grupo e de acordo com sua capacidade de processá-las; onde os participantes terão a oportunidade de colocar suas palavras, vivências, sentidos e articular questões levantadas.

No debate sobre a importância que o exercício democrático da fala pode assumir nos espaços educativos, o referencial teórico-metodológico da Educação Popular de Paulo Freire traz contribuições revolucionárias. As rodas de conversa eram denominadas por ele “Círculos de Cultura”, caracterizadas como uma experiência coletiva de diálogo em que todos têm o direito de expressão e participação livre no processo de aprendizagem. Para Freire (1983), os Círculos de Cultura são o diálogo, são a pronúncia do mundo, ou seja, o processo de ler o mundo, problematizá-lo, compreendê-lo e transformá-lo. É um diálogo, em que “[...] o pensar do educador somente ganha autenticidade, na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação [...]” (FREIRE, 1983, p. 64).

Segundo Freire (2002), a prática educativa só pode alcançar efetividade e eficácia na medida em que permite a participação livre e crítica dos educandos, ao contrário de uma educação sistematizada apenas na transmissão de conhecimento de um indivíduo para o outro, descontextualizada culturalmente e autoritária. Ele defende que os espaços educativos sejam fundamentados na criatividade, estímulo à reflexão, posicionamento crítico e no engajamento na transformação da realidade.

[...] Em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo.

Em lugar dos pontos e de programas alienados, programação compacta, reduzida e codificada em unidades de aprendizado (FREIRE, 1983, p. 103).

Portanto, Paulo Freire traz ricas contribuições sobre a importância e o papel do diálogo e das rodas de conversa nos processos educativos, ao passo que se integram ideias de educação, liberdade e transformação dos indivíduos e do meio em que vivem. A figura do mestre como centro do processo desaparece, dando lugar às relações de reciprocidade e “[...] emerge a fala como signo de valores, normas, cultura, práticas e discurso” (SAMPAIO et al., 2014, p. 1301). A lógica da roda, onde necessariamente ninguém está atrás ou à frente, mas todos ao lado e com relações de poder postas de modo horizontal, funciona mais do que simples disposição física no formato circular dos participantes que a compõem. Todos são implicados dialeticamente como atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade.

O espaço da roda de conversa possibilita a construção de novas possibilidades de pensamento, imersa em movimento contínuo de perceber - refletir - agir - modificar (SAMPAIO et al., 2014). Nela, deve haver a figura de um coordenador, podendo receber outras denominações, tais como, facilitador ou educador. De acordo com Afonso e Abade (2008), o coordenador da roda tem o papel de incentivar a participação e a reflexão dos sujeitos envolvidos, deve construir condições para um diálogo entre os participantes mediante uma postura de escuta e circulação da palavra, bem como com o uso de técnicas de dinamização de grupo. É necessário, para tanto, o

incentivo do coordenador, a sua orientação e a sua cooperação. Isto é possível quando ele é capaz de estimular o grupo com perguntas, quando observa pontos importantes levantados na discussão, sugere caminhos para o pensamento, esclarece dúvidas, oferece informações, sistematiza os pontos de vista, enfim, promove, dá suporte e ajuda a direcionar a discussão para as questões relevantes. É importante que o coordenador tenha o cuidado de não ocupar o centro da fala, pois a essência da roda deve sempre ser a ocorrência de um processo coletivo. É também imprescindível que a coordenação trabalhe para a criação de um clima de respeito e acolhimento, em que os participantes possam se sentir confortáveis para se expressar sem receio de serem ridicularizados ou desqualificados pelo grupo.

As rodas de conversa são um instrumento rico, que permite dar voz ativa aos estudantes no contexto escolar, pois ao escutá-los e tornar as suas falas centrais no entendimento das circunstâncias em que elas estão inseridas, e de que forma eles vivenciam os processos e fenômenos no contexto educacional, cria-se uma postura de abertura e escuta, detectam-se desafios que, por vezes, estão ocultos, pode-se enriquecer os planejamentos e intervenções e reconhecer as verdadeiras necessidades de suporte que os alunos têm.

ROTEIRO E APLICAÇÃO DA RODA DE CONVERSA

Inicialmente, foi elaborado um convite direcionado aos líderes e vice-líderes de todas as 9 turmas do Ensino Médio Integrado. O convite foi enviado com 15 dias de antecedência para que os alunos pudessem se organizar e garantir sua participação. Foram selecionados uma data e um horário em que os alunos não teriam aula. Os participantes receberam esclarecimentos quanto à proposta da pesquisa e dos aspectos éticos envolvidos com a apresentação e assinatura do Termo de Assentimento. Quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por tratar-se de estudantes menores de 18 anos, este foi assinado pelos pais ou responsáveis.

Conforme citado, a roda de conversa contou com a participação de 14 alunos, com 1 ou 2 representantes de cada turma do Ensino Médio Integrado e desta pesquisadora, como mediadora da roda. O encontro foi realizado em uma sala de aula do câmpus Luzerna. As cadeiras foram organizadas em círculo, e foi oferecido um bolo de chocolate, como expressão de gratidão pela presença de cada um e para que eles se sentissem acolhidos e pudessem ter um momento de confraternização.

Os estudantes presentes já se conheciam e se relacionavam no dia a dia do câmpus, então facilmente foi possível que houvesse uma boa interação entre eles no decorrer da roda e na criação de um clima de acolhimento e confiança. Apesar de já se conhecerem, foi solicitado

que cada um falasse o seu nome e turma, pois a mediadora não conhecia o nome de todos os presentes e gostaria de chamar cada um pelo nome no decorrer da conversa.

A roda teve início com uma fala de agradecimento da mediadora pela presença de todos e por terem aceitado o convite para participar, o que necessitou de um turno a mais no câmpus, mesmo em meio ao cansaço de fim de ano. Foi feita uma contextualização sobre a pesquisa realizada, destacando o tema, o principal objetivo e o que motivou a busca por estudar essa temática da adaptação no Ensino Médio Integrado. Foi um momento em que foi possível à pesquisadora compartilhar com os alunos sua trajetória profissional e as demandas relacionados às dificuldades de adaptação ao Ensino Médio Integrado com as quais foi se deparando com frequência desde que começou a atuar como psicóloga escolar na rede federal de ensino.

Além disso, os alunos foram lembrados do momento em que o questionário foi aplicado aos estudantes dos segundos e terceiros anos e de que o compartilhamento dos resultados da referida pesquisa também faria parte do momento da roda. Também lhes foi esclarecido que a pesquisa realizada diz respeito a um Mestrado Profissional, que tem a especificidade de exigir, além da dissertação, o desenvolvimento do produto educacional, e foram informados que aquele era justamente o dia da aplicação desse produto, por meio de uma roda de conversa com a temática dos desafios na adaptação dos

estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Catarinense - Câmpus Luzerna.

No planejamento da roda, foi elaborado um roteiro prévio com algumas perguntas que pudessem mobilizar os diálogos e compartilhamento de experiências:

- ✚ Que motivos influenciaram na sua escolha em estudar no IFC?
- ✚ Na sua experiência, quais os maiores desafios encontrados no período de adaptação ao IFC?
- ✚ Como foi o acolhimento no momento da chegada na instituição?
- ✚ Como tem sido sua experiência com as disciplinas técnicas?
- ✚ Quais foram os aspectos facilitadores no processo de adaptação ao IFC?
- ✚ Quais aspectos ainda são desafios significativos para você atualmente?
- ✚ O que tem sido facilitador no processo de ensino-aprendizagem?
- ✚ Você tem percebido prejuízos emocionais desde que iniciou os estudos no IFC? Se sim, quais são eles? E de onde você tem recebido suporte para lidar com essas dificuldades?
- ✚ Você já pensou em desistir do IFC?

Os resultados da pesquisa foram compartilhados no decorrer da roda. De acordo com cada tema que ia sendo dialogado, compartilhava-se o quesito da pesquisa referente a ele e assim o conteúdo apresentado ia servindo como base e estímulo para os diálogos. O roteiro serviu

de direcionamento, mas, pelo caráter dinâmico da roda, em alguns momentos os pontos levantados iam suscitando outros e assim ela foi criando sua própria forma como um organismo vivo.

Buscou-se, na mediação, uma postura de escuta e estímulo pela circulação da palavra, de modo que fosse criado um clima de respeito e acolhimento, em que os participantes pudessem se sentir confortáveis para se expressar sem receio de serem ridicularizados ou desqualificados pelo grupo.

ALGUMAS REFLEXÕES CONSTRUÍDAS PELOS ESTUDANTES NO DECORRER DA RODA DE CONVERSA

Neste tópico, serão compartilhadas as questões levantadas no decorrer da roda e as reflexões e diálogos construídos pelos estudantes. As falas compartilhadas não foram identificadas para garantir a confidencialidade (anonimato) acordados nos Termos de Assentimento e Consentimento – foram utilizados nomes fictícios. Suprimiu-se também o nome dos professores citados, colocando no lugar o nome de uma disciplina de forma aleatória ou um nome fictício, a fim de evitar exposições indevidas.

Que motivos influenciaram sua escolha em estudar no IFC?

"Eu vim sem saber direito o que era o IFC, não imaginava que era tão difícil..." (João, primeiro ano).

"Na minha sala muitos colegas vieram por incentivo dos pais..." (Marcela, primeiro ano)

"Meus amigos que me falaram que era legal estudar aqui e fiquei com vontade de vir por incentivo deles..." (Maria, terceiro ano).

"Eu sempre estudei em escola particular no ensino fundamental. Quando um professor precisava se afastar, logo em seguida havia outro para substituir. E quando cheguei aqui tive um choque, pois quando um professor se afasta é demorado para outro substituir, por exemplo, ficamos

bastante tempo sem professor de biologia, de inglês. Não sabia disso quando entrei, não conhecia essa realidade de uma instituição pública..." (Carolina, terceiro ano).

Na sua experiência, quais os maiores desafios encontrados no período de adaptação ao IFC?

"Foi bem difícil, não moro em Luzerna. E no fundamental eu estudava em uma escola em que eu estava em casa 12:00. Todas as minhas amigas continuaram estudando na minha cidade, só eu vim para cá e aí no primeiro ano tive um baque da quantidade de demandas do Instituto, passava pouco tempo em casa e quando estava em casa me sentia cansada e com muita coisa para fazer...me sentia esgotada e sem energia para dar conta de tudo...Eu sentia que nunca tinha tempo livre, então foi bem difícil, só conseguia responder as minhas amigas 1 vez por semana. Eu nunca fui uma pessoa de sair muito e quando entrei no IF só dava bolo pra sair com elas. E também sou bem difícil de fazer amizade porque sou muito tímida e aqui tinha muito vergonha..." (Carolina, terceiro ano).

"O ritmo foi mais desafiador no início. Moro em outra cidade e ao passar o dia aqui, tinha que trazer almoço ou ir no restaurante. Eu não era acostumada a passar o dia inteiro na escola, então esse ritmo foi o mais difícil no início...e as "trezentas" disciplinas foi um desafio enorme também de aprender a lidar..." (Maria, terceiro ano).

"Eu queria sair da minha escola anterior e para mim foi bom passar o dia inteiro aqui, com algumas limitações por não gostar de almoçar em restaurante pelas minhas intolerâncias

alimentares, mas no geral foi bom, me fez bem.”
(Marcela, primeiro ano)

“Um desafio grande é lidar com as notas que acabam tendo uma queda brusca no início do que éramos acostumados no fundamental. Quando troquei de colégio no quinto ano, minhas notas baixaram e na época me fez muito mal e foi a mesma coisa agora no primeiro...” (Carlos, primeiro ano).

Neste momento, foi levantada uma reflexão sobre o quanto a queda de desempenho e notas afetam a autoestima de muitos alunos no processo de adaptação à instituição. Muitos alunos foram acostumados apenas a notas altas no ensino fundamental, e ao chegar no Instituto Federal é natural que as notas tenham uma queda; afinal, é uma nova fase, mais disciplinas, maior carga horária, nível de exigência maior, sendo natural, portanto, que o desempenho venha a sofrer uma queda. Por isso, é muito importante entender que o nosso desempenho não define quem somos nem o nosso valor.

Uma estudante do terceiro ano relembrou uma dinâmica que foi aplicada no decorrer de uma roda de conversa no primeiro ano, na qual os alunos tinham que escrever uma carta para eles mesmos, que seria entregue apenas no terceiro ano.

“Na nossa carta que escrevemos no primeiro ano para nós mesmos muitas amigas comentaram que tinha assim: estou me sentindo burra, tomara que melhore...para você ver como a adaptação no IFC foi muito tranquila (risos)...” (Carolina, terceiro ano).

Como foi o acolhimento no momento da chegada na instituição?

Neste momento, os alunos foram estimulados a comentar sobre algum professor que foi marcante para eles e que fez com que se sentissem acolhidos ao chegarem na instituição.

“Na nossa turma a prof. de Português foi muito marcante desde o início, mas tem vários professores que acolheram...a gente sente que a maioria entende os desafios dessa adaptação...Alguns no início são mais exigentes...eu, por exemplo, tinha medo da professora de matemática...me admirava o quanto ela era um crânio, ela não conversava muito com a turma, dava a aula e ia embora. Hoje já mudou e criamos uma boa relação...” (Maria, terceiro ano).

“Na nossa turma não temos como deixar de citar a professora de português. Hoje ela não dá mais aula para gente, mas no primeiro ano era nosso xodó, fizemos até uma festa surpresa no aniversário dela. A prof. de Primeiros Socorros também foi muito parceira com a gente desde o primeiro dia de aula...sempre dava a oportunidade para a gente desabafar como estávamos nos sentindo, acolhia, entendia, foi muito incrível com a nossa turma.” (Carolina, terceiro ano).

Perguntou-se aos alunos que estavam no primeiro ano, no ensino remoto, como foi o processo de acolhimento pelos professores naquele momento, tendo em vista que a relação estava limitada pelo uso das tecnologias virtuais.

“Realmente teve essa questão, as relações pelo computador eram mais distantes. Mais uma coisa

que marcou a nossa turma foi a chegada da prof. de Química...ninguém da nossa sala gosta de química, só que a aula dela é muito legal, ela é querida com a gente, ela fica perto da gente, conversa...mesmo no remoto conseguimos ter uma experiência de acolhimento com ela.” (Marcela, primeiro ano).

Neste momento, os alunos foram estimulados a compartilhar como foi o acolhimento pelos outros alunos. Questionou-se se esse acolhimento ficou restrito aos colegas da mesma turma ou estendeu-se aos de outras turmas.

“Na nossa turma o terceirão da época foram fundamentais, já na primeira semana fizeram rodinha de conversa com a gente, compartilharam detalhes de funcionamento da instituição e as experiências que eles tiveram. Às vezes iam no intervalo na nossa sala conversar, chamavam a gente pra ir na turma deles...foram muito presentes e acolheram bastante a nossa turma.” (Gabriela, segundo ano).

Os alunos que estavam no ensino remoto no primeiro ano foram estimulados a comentar como foi o acolhimento pelos colegas de outras turmas e o estreitamento de laços com os colegas da mesma turma, já que a interação estava restrita pelos meios digitais, como computador e celular.

“O terceirão do nosso curso até tentou, se esforçaram, fizeram grupo de WhatsApp com todos do curso, mas com o tempo o grupo foi parando de ser usado. Na nossa turma a interação nesse período acabou sendo mais por WhatsApp mesmo. Mas a nossa turma é bem unida, nos damos bem...” (Marcela, primeiro ano).

"A minha turma no início era bem separada, com muitos grupinhos...eu não gostava, não interagia com quase ninguém, os trabalhos eram sempre com o mesmo grupo. Hoje está bem melhor, todos se falam. Mas no início foi difícil". (Carolina, terceiro ano).

"No início também foi difícil na nossa turma, tinha muitas panelinhas. Mas hoje, nos damos bem na nossa sala, todos conversam entre si." (Beatriz, terceiro ano).

Foi levantada a reflexão a respeito do quanto os amigos fortalecem e ajudam a superar os desafios e o quanto as amizades formadas no período escolar são marcantes, mesmo que os contatos no decorrer dos anos diminuam pelas novas fases de vida.

Como tem sido sua experiência com as disciplinas técnicas?

"O curso é muito cansativo, é muita coisa e tudo muito junto...a gente se esforça e as vezes não é suficiente. Apresentamos um projeto essa semana e todos os grupos foram chamados atenção por não estar bom o suficiente..." (Marcos, segundo ano, Automação industrial).

"Ninguém se identifica com o curso na nossa turma, ninguém quer seguir na área, mas todos tem o mesmo sentimento que se fizéssemos mecânica ou automação iríamos ter muita dificuldade e possíveis reprovações...não nos arrependemos diante das opções que o câmpus oferece. A gente acaba pegando um carinho pelo curso". (Carolina, terceiro ano, Segurança do Trabalho).

“Da minha turma a maioria gostou, não a ponto de seguir na área, mas a ponto de querer trocar de curso não. No curso também temos muitas aulas práticas e isso acaba ajudando bastante. (Marcela, primeiro ano, Mecânica)”.

Foi levantada uma reflexão de que mesmo que eles não queiram seguir a carreira do curso técnico escolhido, a experiência vivenciada trará desenvolvimento, amadurecimento e amplitude de visão sobre o trabalho.

"Acho que sim, uma coisa que eu percebi em relação aos outros é que o IF estimula muita a pesquisa, sobre como se faz uma pesquisa, regras da ABNT...acredito que é um estresse que não teremos na graduação. Também tivemos uma disciplina de Sinistros e Primeiros Socorros no primeiro ano que sempre vai ser útil para nossa vida, aprendizados sobre legislação do trabalhador sempre usaremos em nossa vida também..." (Carolina, terceiro ano).

“O IFC estimula bastante a nossa autonomia ao ficarmos o dia inteiro no câmpus, digo de autonomia na vida como um todo.” (Marcela, primeiro ano).

No decorrer da roda, levantou-se outra pergunta:

Se algum amigos de vocês fosse estudar no IFC, que conselho vocês dariam?

"Que tem que se preparar para sofrer, chorar (risos)" (Mateus, segundo ano)

"Para não se preocupar tanto com nota. No meu

ensino fundamental, eu não tirava menos que nove e na primeira prova de física foi 8 e logo fiquei muito abalada. Hoje já consigo lidar melhor com isso. Relaxar e dar o melhor" (Carolina, terceiro ano).

"Organiza bem os horários e procrastina menos..." (Heitor, terceiro ano).

Refletiu-se sobre o quanto a organização do tempo está ligada à saúde física e mental. Desse modo, organizar os horários e ter um planejamento dos estudos é fundamental para quem estuda no IFC, tendo em vista a quantidade de disciplinas e a carga horária elevada.

"Eu procrastinei bastante no primeiro ano e sofri muito..." (Carolina, terceiro ano)

"Daria o conselho de escolher com cuidado o curso para não se arrepender..." (Marcela, primeiro ano).

"Pedi transferência da Mecânica para Segurança do Trabalho. Eu tinha muita dificuldade com as disciplinas técnicas, não conseguia compreender e me encontrei muito mais quando mudei de curso" (Cintia, primeiro ano).

O que tem sido facilitador no processo de ensino-aprendizagem?

Os alunos comentaram sobre as aulas práticas como facilitadoras neste processo. Neste momento, foram estimulados a comentar sobre uma aula prática que foi marcante para eles.

"As da prof. Clara no primeiro ano, que era uma disciplina de Sinistros e Primeiro socorros que tinha aula com extintor, simulação. Foi muito legal e marcou mesmo..." (Carolina, terceiro ano).

“No nosso caso a pandemia prejudicou, quase não tivemos aulas práticas ainda” (Carlos, primeiro ano).

“As aulas no laboratório de circuitos e programação foram bem legais...o laboratório em si é muito legal...foi desafiador aprender a mexer nas máquinas, mas facilita muito o aprendizado as idas ao laboratório” (Beatriz, terceiro ano).

“Foi muito legal no projeto mecânico ver o projeto funcionando...” (Mateus, primeiro ano).

Você tem percebido prejuízos emocionais desde que iniciou os estudos no IFC? Se sim, quais são eles? E de onde você tem recebido suporte para lidar com essas dificuldades?

“Eu já tive algumas crises de choro por ansiedade pelo excesso de coisas a fazer, não ter tempo de fazer tudo e as cobranças da família, de não querer prejudicar o tempo com eles...” (Maria, terceiro ano).

“Eu já fiz terapia um tempo atrás e agora que entrei no IF sinto que preciso voltar de novo...o que pesa mais são as crises de ansiedade que ficou mais aflorado desde que entrei aqui...” (Marcela, primeiro ano).

“Mais pro final do primeiro ano eu era muito chorona na sala. No primeiro ano vivia chorando no banheiro, no final do ano eu já havia melhorado bastante. Mas agora no terceiro ano, me sinto muito esgotada e tem a preocupação com o Enem, quero passar em uma federal...aí vem o excesso de coisas para fazer aqui, trabalho...é exaustivo...parece que estou pra explodir...minha cabeça vai a mil” (Carolina, terceiro ano).

"Quando saímos do remoto pro presencial, fui ter uma maior noção do quanto o IFC é puxado..." (João, primeiro ano).

"Pra mim foi tranquilo, mas para boa parte da turma senti que pesou muito a questão emocional tanto pela sobrecarga do IF, tanto pela pandemia..." (Carlos, primeiro ano).

Os alunos foram incentivados a levantar a mão mostrando quem estava se sentindo estressado. Neste momento, todos levantaram a mão, exceto um aluno. Ao tocarmos no assunto do apoio emocional para lidar com as dificuldades emocionais, alguns compartilharam sobre amigos que conseguiram ajudar e outros que foram ajudados pelos amigos.

"Tenho uma amiga de outra turma que tem ansiedade, então quando ela tem crises, tento ajudar ela, conversar, tentar fazer ela se acalmar..." (Cintia, primeiro ano)

"Eu recebi muita ajuda do Mateus...eu tava muito pra baixo, isolado, ele e nossos outros amigos perceberam que eu tava mais quieto...e me ajudou, conversou comigo, me ajudou a superar esse momento difícil..." (Carlos, primeiro ano).

Os alunos foram estimulados a compartilhar suas experiências com relação ao apoio familiar recebido.

"No meu caso recebi mais pressão do que apoio...ouvia muito: você tem que estudar, ter notas boas" (Cintia, primeiro ano).

"Quando entrei no IFC, aumentou muito a carga

horária e eu não consegui mais ajudar em casa como antes e ouvi cobranças dos meus pais que eu não ajudava mais e que eu não tinha mais tempo para passar com eles..." (Maria, terceiro ano)

"Isso foi o mais batido no meu caso, não foi nem cobrança de nota, mas da falta de tempo para passar com a família, reclamação de que quase não me viam..." (Carolina, terceiro ano).

"Não podemos ser os mesmos que éramos no fundamental, com a mesma carga horária, a mesma disponibilidade...e as vezes pros pais é difícil de entender" (Marcela, primeiro ano).

Você já pensou em desistir do IFC?

"Quase saí, meus pais me deram a oportunidade de decidir...mas como estava já no terceiro resolvi continuar, mas eu tava estressada, viram que eu não estava bem e me sugeriram a sair..." (Carolina, terceiro ano).

Perguntou-se aos alunos se algum deles quis sair do IFC e os pais não deixaram. Três levantaram a mão.

"No meu caso foi o contrário, eu não quero sair e meus pais queriam que eu saísse...eu gosto daqui, não quero ir pra outro colégio." (Marcela, primeiro ano).

Foi solicitado aos alunos do terceiro ano presentes que dessem algum conselho para os do primeiro ano com relação aos estudos no IFC.

"Aconselho manter a tranquilidade, não adianta se estressar e tentar se organizar mais que foi algo que não fiz. Nossa sala diz muito isso: esse problema é para o eu do futuro resolver..." (Carolina, terceiro ano).

ano)

"Dar o melhor e não se pressionar a só tirar notas altas..." (Maria, terceiro ano).

A roda de conversa foi encerrada com agradecimento pela participação e colaboração de todos e foi solicitado aos alunos que fizessem uma avaliação do que significou para eles participar da roda. Os estudantes compartilharam, no geral, que o momento foi positivo, que foi gratificante compartilhar suas experiências e ouvir os colegas. Também incentivaram que fossem realizadas mais rodas na instituição.

"Foi muito bom. A gente se sente mais leve depois de um momento assim..." (Carolina, terceiro ano).

"É bom saber que não enfrentamos as dificuldades sozinhos. Que outros passaram por isso e superaram..." (João, primeiro ano)

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional, implementado a partir do presente estudo por meio da elaboração e desenvolvimento de uma roda de conversa, teve o intuito de promover um espaço de encontro, diálogo, reflexões, compartilhamento de experiências e produção de sentidos a respeito dos desafios e vivências relativos à adaptação dos estudantes, a fim de mobilizar reflexões conjuntas capazes de trazer uma possível ressignificação de experiências e estratégias de superação. Avalia-se que o objetivo foi cumprido, pois os estudantes compartilharam suas experiências e suscitaram reflexões sobre os diversos significados e desafios de ser aluno do Ensino Médio Integrado no Instituto Federal Catarinense.

Destacam-se algumas questões levantadas pelos estudantes no decorrer da roda de conversa:

- ✚ Sobrecarga e esgotamento físico e mental tanto no momento de chegada e adaptação à instituição, quanto nos anos seguintes;
- ✚ Falta de tempo disponível para estar com os familiares e amigos (que não estudam no câmpus) pela grande demanda de atividades escolares e por necessitarem, na maioria dos dias, passar o dia inteiro na instituição;
- ✚ O quanto a queda de desempenho e notas afetam a autoestima de muitos alunos no processo de adaptação à instituição;

- ✚ O bom acolhimento recebido pelos colegas e professores, bem como as limitações e conquistas nesse aspecto no ensino remoto;
- ✚ As aulas práticas como facilitadoras no processo de ensino-aprendizagem;
- ✚ O quanto os amigos fortalecem nas dificuldades e ajudam a superar os desafios;
- ✚ O quanto a formação no curso técnico contribui para o desenvolvimento e amadurecimento dos alunos, embora a maior parte dos presentes não tenham interesse em seguir na área do curso técnico escolhido;
- ✚ Os conselhos que os alunos do terceiro ano deram aos do primeiro ou de quem ainda irá iniciar os estudos no IFC foram: procurar escolher bem o curso para evitar arrependimentos; organizar bem os horários e evitar a procrastinação; não deixar se abalar pelo valor da nota, mas dar o seu melhor e se dedicar;
- ✚ Cobrança dos familiares para passar mais tempo juntos e pressão por um bom desempenho;
- ✚ Prejuízos emocionais ligados especialmente ao esgotamento físico e mental e a ansiedade.

Acredita-se que as rodas de conversa podem se tornar instrumentos ricos na criação de encontros dialógicos que possibilitam a produção e ressignificação de saberes e sentidos. O exercício democrático da fala que as rodas de conversa suscitam cria uma postura de abertura e escuta, além de permitir que as falas dos estudantes sejam centrais no entendimento de diversas realidades e fenômenos.

A expectativa é que o presente encarte possa sensibilizar a rede federal de ensino sobre a temática de questões relativas à adaptação dos alunos ingressantes no Ensino Médio Integrado, pois acredita-se que os desafios enfrentados nesse aspecto não são uma realidade vivenciada apenas no câmpus Luzerna, mas também nos inúmeros câmpus que compõem a rede federal de ensino. Também espera-se que as rodas de conversa sejam reconhecidas pelas equipes multiprofissionais e docentes como de significativa importância no contexto educativo, tendo em vista que, por meio delas, pode-se enriquecer os planejamentos e intervenções e reconhecer as verdadeiras necessidades de suporte que os estudantes possuem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO PRODUTO EDUCACIONAL

AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

BRASIL, CAPES. **Documento de Área - Ensino**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 95-103, 31 jul. 2014.

SAMPAIO, Juliana et al . Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 18, supl. 2, p. 1299-1311, 2014 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601299&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 abr. 2020.

WARSCHAUER, Cecília. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. In: **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna** (org. Beatriz Scoz et al.), Petrópolis: Vozes, pp. 13-23, 2004.